



EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS

# 4 MASSAS

ORGAO DO PARTIDO OPERARIO REVOLUCIONÁRIO – MEMBRO DO COMITÊ DE ENLACE PELA RECONSTRUÇÃO DA IV INTERNACIONAL

13 de Fevereiro de 2011

## Junta militar substitui Mubarak: Golpe contra-revolucionário no Egito

No 18º dia de manifestações, o presidente da República, Hosni Mubarak, deixa o governo e uma junta militar o assume. Trata-se de um golpe militar, desfechado em nome das massas combatentes. Trata-se de uma medida contra-revolucionária negociada no seio do regime político, com o aval do imperialismo.

Imediatamente, o levante que crescia em todo Egito foi desmobilizado. A trincheira de combate e resistência – Praça Tahrir – se desfez como por encanto. A euforia com a vitória contra o governo opressor, saqueador, esfomeador e antinacional empalideceu o sangue dos 300 mártires e o significado contra-revolucionário do golpe militar.

Os limites do levante popular estavam dados desde o início e se acentuaram no transcurso dos acontecimentos. Uma ação de protesto organizada pelos estudantes, inesperadamente, confluuiu, generalizou e canalizou o ódio da população à ditadura de Mubarak. Lançaram-se ao movimento a pequena burguesia urbana, com suas várias camadas, e parte da classe operária. Setores da burguesia saíram em seu apoio, assim que a resistência se mostrou consistente. As greves operárias e do funcionalismo que eclodiram na fase final da luta fortaleceram o movimento, deram um caráter de ofensiva e assinalaram uma nova etapa dos combates.

O levante popular expressou as mais variadas razões econômi-

cas e sociais das diversas classes e camadas sociais que se concentraram na bandeira de fim da ditadura de Mubarak, convocação de eleições e liberdades democráticas. Da oposição burguesa ao partido comunista do Egito, que passaram a se ocupar da estratégia do levante, imperou a diretriz de remover Mubarak, substituí-lo por um governo de transição e convocar eleições democráticas. Em essência, essa via unificou as forças políticas da oposição institucionalizada ou não. Evidenciou a ausência de uma direção revolucionária e a carência da presença física organizada do proletariado, que expressassem o programa de tomada do poder e de constituição de um governo revolucionário.

A esmagadora presença da pequena burguesia e a limitada aspiração geral de pôr fim aos 30 anos de tirania, afastando o presidente-ditador, indicaram as dificuldades que o levante revolucionário iria enfrentar, assim que ganhou força e expôs a fraqueza do regime em usar o exército para reprimir. O governo de Mubarak já expirava. Em setembro, haveria eleições. Não havia acordo nas Forças Armadas sobre a sucessão que caberia a seu filho. A fraude eleitoral vinha sendo repudiada pela população. O movimento iniciado por jovens estudantes tomou a proporção de insubordinação revolucionária sobre a base da crise social e sob as condições de esgotamento do regime apodrecido.



*Agora, exército e polícia se unem para tirar as massas das praças e ruas*

A adesão das massas ao protesto estudantil alargou o horizonte para as reivindicações e potencializou um movimento de derrubada revolucionária do regime político. Mas sem o partido do proletariado e sem a estratégia da revolução social a explosão popular logo caiu nas mãos da oposição burguesa, que passou a lhe imprimir o objetivo de encontrar uma saída negociada com setores do regime, com o exército e indiretamente com os Estados Unidos.

Os generais foram saudados como amigos do povo e como sensíveis às vozes das ruas. No entanto, apenas aguardavam a hora certa para o golpe. Ficaram às margens, espreitando os ataques da polícia e dos paramilitares. Se as massas recuassem, os generais voltariam a Mubarak para lhe dizer que já não tinha mais o que fazer. Se resistissem e avançassem, antes que Mubarak fosse derrubado pelo levante, os militares o afastariam. Os Estados Unidos aprovaram essa tática.

O golpe estava planejado, bastaria apenas amadurecer as condições do confronto. No 17º dia, quando as greves operárias tendiam a crescer e a aumentar a adesão da população, Mubarak faz o pronunciamento de que ficaria no governo até as eleições e que deixaria o poder com sua família. No dia seguinte, é afastado pelo Conselho militar. A manobra política realizou-se na hora certa.

A junta de generais compareceu como a força que afastou o ditador. Nada custava declarar que cumpria a vontade democrática do povo egípcio. Esse desfecho contra-revolucionário explica por que o exército não reprimiu a insubordinação à temida lei marcial.

As Forças Armadas passaram a ter um lugar de primeira grandeza na República, proclamada em 1952 por meio de um golpe militar. O regime de Hosni Mubarak foi expressão do controle militar-policial do governo. Estima-se que a casta de oficiais comanda parte significativa da economia, o que passou a ser um problema para uma fração da burguesia egípcia e para os interesses particulares do capital estrangeiro.

O envio de 1,4 bilhões de dólares anuais pelos Estados Unidos para sustentação de um numeroso e bem equipado exército serviu à manutenção da ditadura e à política do imperialismo no Oriente Médio, basta ver o apoio ao Estado de Israel contra as massas palestinas. Mubarak e o exército egípcio são responsáveis pelo expansionismo sionista, pelo isolamento da Faixa de Gaza, pelo cerco econômico à Palestina e pelos massacres levados a cabo pelo exército de Israel. Não por acaso, uma das primeiras declarações da Junta foi de manter o acordo do Egito com Israel, dando assim garantias aos Estados Unidos de que a queda de Mubarak não passa de uma contingência conjuntural.

A conduta da oposição de conciliação com os generais, inclusive a da Irmandade Muçulmana, havido sido demonstrada no caminhar das lutas. Mas a prostração diante da solução golpista constitui capitulação e traição. No momento em que se passou a negociar com setores do governo a saída de Mubarak, anunciou-se o começo da traição. As massas não podiam sustentar espontaneamente o combate rejeitando a Junta. Estavam

sujeitas à direção burguesa, que passou a controlar o levante.

Um movimento dos explorados pode eclodir espontaneamente sob determinadas condições econômicas e de opressão, mas não tem como se sustentar e avançar sem a direção. Na ausência do partido revolucionário, as forças burguesas de oposição se impuseram de cima para baixo.

O POR se posicionou claramente sobre o perigo da revolução ser desmontada pela estratégia democratizante da oposição burguesa. Levantou a bandeira de derrocada do regime, de tomada do poder pelas massas e de constituição de um governo operário e camponês. Rechaçou o exitismo pequeno-burguês da revolução democrática.

As reivindicações e tarefas democráticas do Egito semicolonial estão na dependência da revolução proletária e de nenhuma outra. Sem dúvida, as reivindicações democráticas foram e são o ponto de partida do levante das massas. Nem por isso, deixam de estar subordinadas à revolução proletária. Se assim não ocorrer, estão fadadas ao fracasso. É, portanto, necessário combater a estratégia burguesa e pequeno-burguesa da revolução democrática.

Uma nova situação se abre com o golpe e a dispersão do levante. A Junta atuará pela estabilização, utilizando-se da cooperação da oposição conciliadora. Um arremedo de democracia burguesa será a resposta dos militares, de setores da burguesia e do imperialismo às massas. Os problemas da economia e as necessidades prementes dos explorados permanecem. Estão em contradição com o governo golpista. Obama recomendou à Junta não desconhecer a revolta popular e arranjar formas de enganar os explorados com adaptações democráticas ao regime que foi preservado.

A dissolução da situação revolucionária não se dá somente pelo recuo das manifestações. Para a burguesia e seu exército, é preciso desfazer a unidade obtida na luta, por meio de concessões a camadas sociais isoladas. Haverá uma disputa interburguesa no seio do Estado em torno das reformas ao regime montado há três décadas. As massas serão convocadas a se alinharem por trás dos partidos burgueses que constituíram oposição. A via dessa política não será a de novos levantes, mas sim a da canalização institucional: eleitoral e parlamentar.

A vanguarda independente e que assumiu a trincheira dos embates deve se voltar para a classe operária com as lições extraídas da situação revolucionária. A principal delas é que a crise de direção se manifestou plenamente nos acontecimentos, que é preciso construir o partido revolucionário, cujo programa é o da revolução e ditaduras proletárias.

Novos combates virão – mais cedo, ou mais tarde. As conquistas alcançadas com o método da ação direta (manifestações de massa, barricadas, ocupações e a autodefesa contra os ataques da força paramilitar) são valiosas.

**Abaixo a Junta militar!**

**Fora as negociações burguesas oposicionistas!**

**Viva os que tombaram em luta!**

**Retomar os combates!**

**Constituir a direção revolucionária!**